



IVL 50 anos

**MEMÓRIAS
HISTÓRIA
DEPOIMENTOS
ESTUDOS
PARTITURAS
IMAGENS**

Edição Comemorativa

50 ANOS
Instituto Villa-Lobos
1967 2017



ISBN 978-85-61066-67-3



CLA - CENTRO DE LETRAS E ARTES

AV. PASTEUR, 436 (FUNDOS) - URCA, RIO DE JANEIRO

9 788561 066673

Sumário

Apresentação	6
Memórias	9
<i>Na sala de música da vida 18 anos de vivências e aprendizados no IVL</i>	10
Humberto Amorim	
<i>Memórias sobre o Instituto Villa-Lobos</i>	18
Helio Sena	
<i>Meus 50 Anos de Instituto Villa-Lobos</i>	41
Ermelinda Azevedo Paz	
<i>IVL 1967-1968: um depoimento</i>	57
Jorge Antunes	
História	74
<i>O Instituto Villa-Lobos e a música popular</i>	75
Ricardo Ventura	
<i>38 anos de IVL: 1969 a 2007 - memórias de uma aluna e professora</i>	91
Regina Marcia Simão Santos	
<i>Memória e História no Centro de Letras e Artes</i>	108
Patrícia França	
Depoimentos	121
<i>Aniversário de 50 Anos do IVL</i>	122
Bohumil Med	
<i>Professor por 18 anos</i>	123
Ruy Wanderley	
<i>Relembrando o Instituto Villa-Lobos</i>	124
Rosa Zamith	
<i>O Instituto Villa-Lobos me trouxe algumas boas lembranças</i>	126
Estela Caldi	
<i>Minha carreira na UNIRIO</i>	127
Marilia Pinto de Almeida	
<i>Começo do Bacharelado em Canto</i>	129
Eliane Sampaio	
<i>Como conheci o IVL</i>	131
Edir Gandra	
<i>Algumas lembranças dos meus primeiros cinco anos de trabalho no IVL</i>	136
Salomea Gandelman	

Estudos	140
<i>Reginaldo Carvalho e o Instituto Villa-Lobos</i>	141
Vladimir A. P. Silva	
<i>Redesenhando as fronteiras do gosto</i>	176
Elizabeth Travassos	
<i>Apontamentos sobre estudantes de música e suas experiências formadoras</i>	201
Elizabeth Travassos	
<i>Villa-Lobos e Chopin, o diálogo musical das nacionalidades</i>	227
Lúcia Silva Barrenechea e Cristina Capparelli Gerling	
 Partituras	 268
<i>Peça para Clarinete Solo (1977)</i>	269
Onildo Goulart Silveira	
<i>Impressões brasileiras para piano</i>	271
Patrick Braga	
<i>Prelúdio (1996) para piano</i>	273
<i>Intermezzo para piano</i>	274
<i>Incerteza (1981) para piano</i>	275
<i>Incerteza (1981) para voz e piano</i>	276
Poema de Mauricio Lisovsky	
 <i>Correnteza para voz e piano</i>	 277
<i>O Boi e o Burro no Presépio: VI e XIII para voz e piano</i>	280
Poema de Guimarães Rosa	
Caio Senna	
 Imagens	 283

Meus 50 anos de Instituto Villa-Lobos: 1967-2017



Ermelinda Azevedo Paz*

Este artigo foi concebido sob a forma de memorial acadêmico, mas também afetivo. Nele pretendemos inserir as experiências mais marcantes e significativas que vivemos desde a nossa entrada na instituição no ano de 1967. Inicialmente, queremos ressaltar a importância de nosso tempo de estudante naquela casa, que muito viria a representar para nós ao longo dos anos como discente, docente, administradora e pesquisadora.

Ingressamos nessa instituição no último ano em que se denominava Conservatório Nacional de Canto Orfeônico (CNCO). Ao longo desses quatro anos iniciais como estudante a instituição mudou de nome. (Ver Anexo I) Na época tivemos o grande prazer e privilégio de conhecer e estudar com professores que trabalharam diretamente com Villa-Lobos. Cada um ao seu modo contribuiu em muito para fomentar um grande respeito e admiração por esse compositor patricio, transformando-nos no futuro em autora de trabalhos sobre ele, de modo a poder aprofundar os ensinamentos recebidos.¹

Octacílio Braga (na época diretor do CNCO), Dinah Buccos, Julieta Strutt (diretora do Coral da Rádio MEC, irmã de Arminda Neves de Almeida, a Arminda Villa-Lobos, mais conhecida por Mindinha – segunda mulher de Villa-Lobos – e, ainda, mãe da pianista Sônia Maria Strutt), com os seus ditados cantados, jamais utilizando instrumento e com uma afinação primorosa e impecável precisão rítmica. Adhemar da Nóbrega (professor de História da Música e autor de *As Bachianas Brasileiras* e *Os Choros de Villa-Lobos*, ambos editados pelo Museu Villa-Lobos [MVL]), Edison Carneiro – professor de Folclore (autor de *Dinâmica do folclore, A sabedoria popular e pesquisa de folclore*) – e Eurico Nogueira França

* Livre-Docente em Percepção Musical pela UNIRIO, aposentou-se como Titular da Escola de Música da UFRJ e Adjunta do IVL, e continua integrando o corpo docente permanente do PPGM da Unirio.

¹ Villa-Lobos, o educador. In: *Prêmio Grandes Educadores Brasileiros 1989*. Brasília: INEP/MEC, 1989. (Monografia premiada em 3º lugar); *Villa-Lobos, Sôdade do Cordão*. Rio de Janeiro: Elf, 2000. (Prêmio especial no Concurso Carioca de Monografias da Secretaria de Educação e Cultura do Município do RJ); *Villa-Lobos e a música popular brasileira: uma visão sem preconceito*. Rio de Janeiro: EAP, 2004. (Prêmio Villa-Lobos do ano do centenário – 1º lugar. Museu Villa-Lobos, MinC).

(*Villa-Lobos: síntese crítica e biográfica* e *A evolução de Villa-Lobos na música de câmara*, ambos editados pelo Museu Villa-Lobos) tiveram aparecimento meteórico. Foram apenas alguns contatos e não mais os vimos. Francisco (professor de violino) e Iberê Gomes Grosso (professor de violoncelo) – nessa época, em nossa prática instrumental estudávamos violino e violoncelo. Este último às vezes esbravejava conosco:

– Pianistas! Pianistas! – Pois considerava que tínhamos vários vícios que atrapalhavam o nosso desempenho no instrumento.

Somam-se a esses os irmãos Otávio e José Vieira Brandão (sua produção artística compreendia, dentre outros, o LP *José Vieira Brandão interpreta Villa-Lobos*). Este último, em uma de nossas primeiras aulas de Canto Coral, falou para a turma de forma austera:

– Na próxima aula quero todos aqui regendo de memória todas as *Canções de Cordialidade* de Villa-Lobos!

Lembramos que ficamos muito assustados e fomos tranquilizados por Leonardo Bruno (aluno da turma de 1966 e, já na época, um bem-sucedido regente coral, além de filho do saudoso compositor e clarinetista Abel Ferreira e afilhado de José Siqueira). Não quisemos dar chance ao azar e na dúvida decoramos as cinco canções, a saber: *Feliz aniversário*, *Boas festas*, *Feliz Natal*, *Feliz Ano-Novo* e *Boas vindas*, todas sobre textos de Manuel Bandeira.

Tínhamos, ainda, Maria Sylvia Teixeira Pinto – professora de Técnica Vocal e Prosódia. Até hoje nos lembramos da primeira poesia que trabalhou conosco e aplicou os conceitos de prosódia musical.¹ Era de Cecília Meireles. Só lembramos da poesia, mas o título se perdeu na memória!

*Ninguém abra a sua porta para ver o que aconteceu
Saímos de braços dados a noite escura mais eu
Ela não sabe o meu rumo e eu não lhe pergunto o seu
Não posso perder mais nada se o que houve já se perdeu
Vou pelo braço da noite levando tudo que é meu
A dor que os homens me deram e a canção que Deus me deu.*

Maria Sylvia – cuja foto encontra-se na antessala da direção do IVL – foi a única que continuou conosco após a chegada de Reginaldo. Literalmente todos se aposentaram.

Não lembramos bem se em 1968 ou 1969 chegou Reginaldo de Carvalho² ao Instituto Villa-Lobos (IVL). Ele foi o diretor que promoveu uma grande mudança no cenário de nossa escola, até então, como todas as outras escolas de música brasileiras, institutos e conservatórios, comprometidos com a música dos séculos XVIII, XIX e XX. Extremamente brilhante como professor, regente coral

¹ Gostávamos tanto dessa disciplina que, ao entrar no Instituto Villa-Lobos como professora auxiliar de ensino em 1972, e para completar a carga horária (todos tinham que dar 12 horas/aula), nos oferecemos para ministrá-la.

² Recém-chegado de Paris, onde fora estudar, agraciado pelo Governo Brasileiro com uma bolsa de estudos. Autor de: *Teoria Musical*. Tomo I, parâmetros duração e intensidade, editado pela Edições Punaré, 1979 e *Teoria Musical*. Tomo II, parâmetros altura e timbre, editado pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves, em 1997.

(essa prática ele a denominava por “jiló” e nunca soubemos o porquê) e arranjador, mas infelizmente o mesmo não se podia dizer como administrador! Em sua gestão criou um Banco de Peças que se transformou em um arquivo bastante significativo e uma referência para os profissionais da área, pois realizou a transcrição de muitas obras seculares da literatura universal, além de criar arranjos primorosos, em especial de músicas da tradição oral. Ali começaram a ser depositadas apostilas, partituras e outros materiais para auxílio das aulas, e esse trabalho era desenvolvido manualmente pelo Sr. Carlos Gaspar,³ um copista de mão cheia, funcionário do IVL, que realizava tudo em papel vegetal e escrevendo, ainda, com tinta nanquim! Suas partituras eram perfeitas e ele bastante rápido!

A era Reginaldo de Carvalho trouxe de forma decisiva a contemporaneidade para o IVL. Dentre alguns nomes desse corpo docente ressaltamos: Américo Cardoso Campos, Bohumil Med, Dalton Vogeler, Emílio Terraza, Esther Scliar, Flávio Silva, George Géza Kiszely, Ilmar Carvalho, Jaceguay Lins, Jorge Antunes, Luís Fernando Zamith, Maria da Glória Beuttenmüller, Marlene Migliari Fernandes, Rosa Maria Zamith e Sônia Born.⁴ Fomos apresentados à música concreta, eletrônica, ao theremin, às séries dodecafônicas etc. Reginaldo dizia: “Temos que conhecer a música de nosso tempo para não ter que conhecê-la no futuro como uma linguagem do passado”. Essa frase transformou-se na epígrafe de nosso convite de formatura.

Nesse período tudo girava em torno dessa citada contemporaneidade. Reginaldo montou um estúdio bem moderno para o trabalho com música concreta e eletrônica (único naquela época). Ele literalmente aparelhou nossa instituição. Aprendemos com Marlene a fazer colagens em fitas, introduzindo ruídos e a fazer séries e mais séries dodecafônicas. Lembro como se fosse hoje dos I e II Festivais de Música da Guanabara, que Reginaldo considerou como presença obrigatória.⁵ Ele cobrava a nossa entrada! Assistimos compulsoriamente a esses festivais que representaram muito para as nossas cabeças, totalmente comprometidas e limitadas aos grandes expoentes do período barroco, clássico, romântico e raríssimos impressionistas. Muitos compositores que o crivo da memória consagrou começaram a despontar suas carreiras ali. A guisa de exemplo, citamos: Almeida Prado (*Pequenos funerais cantantes* – 1º lugar), Marlos Nobre (*Concerto breve* – 2º lugar), Lindembergue Cardoso (*Procissão das carpideiras* – 3º lugar), Fernando Cerqueira (*Heterofonia do tempo* – 4º lugar), Milton Gomes (*Primevos e Postrídios* – 5º lugar) e Aylton Escobar (*Poemas do Cárcere*) juntamente com Lindembergue Cardoso, os

³ Convém lembrar que nos anos 60 não tínhamos computador, bem como programas como Sibelius, Encore, Finale etc.

⁴ Bohumil Med, Emílio Terraza, Jorge Antunes e Sônia Born nos deixaram para ir a Brasília, a convite da Universidade de Brasília (UnB) no primeiro quinquênio dos anos 70. Lembramo-nos de ter ouvido a professora Maria Aparecida Antonello Ferreira dizer que havia feito parte desse grupo. Entretanto, nossa memória se incumbiu de registrar todos aqueles que atuaram como nossos professores.

⁵ Esses festivais foram promovidos pelo Museu da Imagem e do Som (MIS), por meio de seu diretor Ricardo Cravo Albin, sob a coordenação geral do compositor Edino Krieger e tiveram lugar em 1969 e 1970. Eles se tornaram o embrião para a criação, em 1975, das Bienais de Música Brasileira Contemporânea, com o apoio de Myrian Dauelsberg. Em 2015, as Bienais tiveram a sua XXI edição.

primeiros colocados na votação popular paralela! Parafraseando respeitosamente Jota Efegê, posso dizer: “Meninos, eu vi”.

Voltando às nossas memórias de estudante, queremos fazer algumas considerações sobre trabalhos que muito nos marcaram e que até hoje se configuram como inesquecíveis, a saber:

- Dalton Vogeler (1º secretário da Ordem dos Músicos do Brasil de 1964 a 67, contrabaixista de Waldir Azevedo e autor, juntamente com Esdras Silva, de *Balada triste*, um clássico na voz de Ângela Maria e Agostinho dos Santos) – professor de Industrialização e Comercialização da Música, nos levou a visitar gravadoras, quadras de Escolas de Samba, conversar muito sobre Direito Autoral, além de permitir que privássemos da visita de Amaury Jorio e Hiram Araújo (ex-diretor cultural da LIESA), autores do clássico *Escolas de Samba em desfile*, bem como a ilustre visita de Martinho da Vila (que não havia ainda alcançado o sucesso dos tempos atuais). Que maravilha ouvi-lo cantar *Malandrinha* em uma sessão privê! (“A Lua vem surgindo radiante” etc.).

- Flávio Silva. Ficou pouco tempo conosco, mas o suficiente para fazer despertar o interesse pela cultura indígena. Nossa primeira visita ao Museu do Índio – naquela época nos arredores do Estádio do Maracanã – para ouvir fonogramas contou com o incentivo dele.

- Emílio Terraza – nos introduziu no mundo das Oficinas de Música. Fizemos muitas experimentações e construímos muitas imagens sonoras. Lembro que a nós certa vez coube traduzir em sons “Uma estação de trem”, com experimentações e preparo de uma partitura específica.

- Jorge Antunes. Conhecemos o theremin com ele. Fomos motivados a complementar nossas sessões de audições de autores contemporâneos com leituras complementares.⁶

- Zaíde Maciel de Castro. Certa ocasião a Prof.^a Moema Renart de Brito desenvolveu uma pes- quisa sobre currículos com ex-alunos e éramos solicitados a dar graus às disciplinas. Demos grau dez para Educação Física e pedimos a ela para explicar, pois no futuro poderia parecer brincadeira. Zaíde era autora de *Danças de Norte a Sul*, *Folia de Reis*, *Pau de fita*, *Jogos e Rondas Infantis*. Ela nos fazia dançar e cantar a aula toda. Saíamos cansados e suados e muito felizes pela oportunidade de conhecer os nossos ricos Brasis.

- Rosa e Luiz Fernando Zamith nos abriram as portas para o conhecimento do método Dalcroze, juntamente com Sônia Born, fornecendo-nos conhecimento considerado fundamental para educadores musicais daquela época.

- Ilmar Carvalho nos conduziu através dos caminhos da Sociologia da Arte e da Cultura Popular. Preparou para nós muito texto sobre a temática e os depositou no Banco de Peças.

- Maria da Glória Beuttenmüller – uma excelente professora de dicção. Como melhoramos o nosso discurso fazendo os exercícios por ela sugeridos.

⁶ *Que es la música electrónica?* e *Que es la música dodecafónica?*, da Nueva Vision, por Herbert Eimert e outros. A professora Marlene também mencionava esses títulos.

Chegamos a preparar uma pequena régua que introduzíamos entre os dentes frontais superiores e inferiores para treinar a falar com esse objeto entre os mesmos. Não há má dicção que resista.

- George Géza Kiszely. Suas aulas eram muito ricas do ponto de vista da história das artes e da música. Como era esse o nosso ponto mais vulnerável, preparamos uma apostila com todos os nomes por ele mencionados (compositores, regentes, intérpretes, pintores, escultores etc.), de modo a que pudéssemos nos situar e não nos sentir tão desconfortáveis.⁷

- Maria Alice, professora de Psicologia Educacional. Experiência maravilhosa voltada para a Educação Musical propriamente dita. Trabalhamos os clássicos *Liberdade sem medo* e *Liberdade sem excesso*, ambos baseados nas experiências de A. S. Neil, educador da Escola Summerhill, fundada em 1921, na Inglaterra. Ela nos dividia entre o grupo que faria a defesa do sistema e o que apresentaria as deficiências, ficando um terceiro elemento como conciliador. Crescemos muito com essa forma de trabalho.

- Professor Jordão (não lembro o seu primeiro nome) de Prática de Ensino de Música. Ele foi levado ao IVL pelo professor Kiszely. Na época ficamos maravilhados, pois ele possuía todas as Coleções da Sono Viso voltadas para o ensino de música e outros materiais bem sofisticados. Se naquele momento tivesse Datashow ele com certeza iria utilizar em todas as suas aulas. Retroprojektor e outros materiais bem modernos eram usados por ele com bastante familiaridade. Estava convencido de que deveríamos aprender a lidar com desenvoltura com toda a aparelhagem disponível. Foi então que idealizou, em agosto de 1969, um curso de extensão “Modernas técnicas audiovisuais aplicadas ao ensino”, realizado no Centro de Estudos Pedagógicos da Fundação Getúlio Vargas de Nova Friburgo, sem nenhum custo para nós alunos do IVL.

Essas foram algumas de nossas gratas lembranças do tempo de estudante, além de uma bolsa de estudos por indicação de Reginaldo Carvalho, um estágio de observação discente nas classes do Maestro Barbosa, do Colégio Arte e Instrução em Cascadura, e nossa prática docente na Fundação do Bem-Estar de Menores (FUNABEM) em Quintino, também por intermédio do citado maestro.

Esses momentos revelaram-se às vezes muito difíceis e conturbados, mas o saldo sempre foi mais para positivo. Convidamos a participar de nossa conversa o saudoso colega e amigo José Maria Neves, que com suas palavras ilustra com muita propriedade parte desse momento mágico. (Ver Anexo II)

1972 – Vida nova e outras obrigações e experiências profissionais relevantes.⁸ Adentramos o IVL por indicação do Professor Américo Cardoso

⁷ Kiszely, em um determinado dia, pegou o material e quis saber o que era aquilo. Mencionamos que era uma identificação de todos os artistas mencionados nas aulas dele. Ele transformou o que havia acabado de ver em Apostila Complementar de História da Arte e da Música e disponibilizou no Banco de Peças.

⁸ Atuamos como chefe da Seção Técnica de Ensino e Pesquisa (SETEP- 14/2/1974), chefe do Departamento de Comunicação em Arte (6/8/1974), Coordenador-Diretora do IVL (8/5/1979 a 18/5/1981). Fomos, ainda, nomeados Decana pró-tempore por ocasião de nossa saída/expulsão da UNE, em virtude do estado de saúde de nosso Decano Prof. Pernambuco de Oliveira e a sistemática recusa do Coordenador/Diretor do Teatro – Prof. Orlando – em aceitar o cargo. Nossas saídas do cargo sempre foram a pedido e aconteciam sempre que algo ultrapassava

Campos, referenciada por nossa colega de turma, Prof.^a Armida Valeri Teixeira. Armida costumava levar suas turmas de Didática da Música para fazer estágio de observação em nossas aulas de música, que aconteciam na Escola Municipal Guatemala – 1º Centro Experimental do INEP/MEC no Rio de Janeiro e fundado pelo insigne educador Anísio Teixeira. Trabalhamos no IVL todo o ano de 1972, mas assinaram a nossa carteira apenas no mês de novembro do mesmo ano. Entramos como Prof.^a de Didática da Música, mas completávamos a carga horária de 12 horas com outras disciplinas, o que era muito comum no IVL daquela época. Afastamo-nos em 1973 para um curso de Aperfeiçoamento em Ensino Musical nos níveis básico, secundário e superior no Instituto Superior de Música da Universidade Nacional de Rosário, Argentina, em um afastamento sem vencimentos, com bolsa da Organização dos Estados Americanos (OEA). Naquela época, nosso diretor, Prof. Jayme Ribeiro da Graça, chamou a nossa atenção para o fato de que não poderíamos nos ausentar, pois poderíamos perder o emprego. Foi então que encontramos uma solução possível para o momento. A Professora Regina Márcia Simão Santos concordou em ficar ministrando as aulas e reassumiríamos quando voltássemos. A atuação dela causou tão boa impressão que, quando de nosso retorno, a direção do IVL envidou esforços junto ao Magnífico Senhor Reitor, Prof. Alberto Soares de Meirelles, com o intuito de efetivar a sua permanência. Começamos ministrando Didática da Música, Percepção Musical, Prosódia Musical, Teclado Básico e Análise – conforme anteriormente mencionado, fato muito comum na época –, até chegar a ministrar unicamente Percepção Musical. Outra prática muito comum era o investimento na contratação de ex-alunos (não havia até então acesso através de concurso público), a saber: Nelson dos Santos, Armida Valeri Teixeira, Ermelinda Azevedo Paz, Regina Márcia Simão Santos, Luís Ricardo Cunha Ventura, Roberto Gnattali, Antonio Emanuel Guerreiro de Faria Jr., Edir Evangelista Gandra etc., para citar apenas alguns.

Algumas realizações no IVL trouxeram grande satisfação e comportaram vários acontecimentos es- parsos, como as contratações de alguns professores (José Botelho e Helder Parente) e a realização de um Curso de Extensão de Bateria de Escola de Samba em 1993, a cargo de Mestre Odilon Costa (nesse curso era aluna e coordenadora). O sucesso foi tanto que a Professora Sara Cohen o levou para ministrar o mesmo curso no Centro de Letras e Artes da UFRJ, no Fundão, a Professora Cibelli o levou para Criciúma e Roberto Gnattali para Curitiba, pois todos havíamos sido alunos, além de Silvio Mehry, Márcio Conrad, Sérgio Roberto e Lucas Ciavatta, dentre outros. Além desse curso, criamos junto com Cibeli e Helder o TEPEM, que coordenamos de 1986 a 1994. Somaram-se a esses um curso de Metodologia do Desenvolvimento do Ouvido Musical (de 27/6 a 6/7/1983), aos cuidados de Hélio Sena – esse apenas para nós, professores do IVL –, uma espécie de curso de atualização, em que aprenderíamos como aplicar o método dos graus,

nossos limites de tolerância. Um bom exemplo aconteceu quando de nossa saída da Praia do Flamengo 132 – prédio da UNE – para a Av. Pasteur 296, onde atualmente se encontra a Reitoria. Naquele conturbado momento, três professores foram admitidos à revelia do colegiado e dois demitidos sem causa alguma que justificasse. Dos três admitidos, apenas um por competência permaneceu entre nós. Dos dois demitidos, a Professora Armida Valeri Teixeira imediatamente converteu a situação. Consta que era pelo fato de ela ser professora de acordeão. O segundo demitido – de nossa equipe de Percepção Musical – não houve a menor possibilidade de reverter a situação. Então, não querendo compactuar, nos exoneramos.

adentraríamos o universo modal, dentre outros temas relevantes à nossa prática. Buscando ampliar o nosso conhecimento na disciplina Percepção Musical, idealizamos um Curso de Didática da Percepção Musical (de 19/1 a 28/1/84), sob a orientação de Hans-Joachim Koellreutter (novamente aluna e coordenadora), com alunos que aportaram ao IVL, vindos de diferentes lugares do Brasil.

No início dos anos 80, Dr. Edson – Diretor de Pesquisa da UNIRIO – esteve em vários momentos no IVL e fez uma grande pressão para que nós iniciássemos um diálogo com os gestores de pesquisa – nesse caso particular, com o CNPq. Essa era uma relação importante para a instituição e deveria merecer uma atenção maior de nossa parte. Também foi fruto dessa época a cobrança por uma real atividade de pesquisa, pois nosso colegiado tinha um forte pendor para as atividades de performance – do clássico ao popular, literalmente.⁹ Foi também um alvoroço, pois não estávamos preparados para executar atividades de pesquisa de forma consistente. Foi então que o professor José Maria Neves – recém-chegado da Sorbonne – ofereceu o seu trabalho a quem desejasse. Agendamos vários encontros de orientação que foram por nós seguidos com muita dedicação e empenho. Da necessidade de o IVL ter um vínculo com o CNPq nasceu a primeira pesquisa no IVL com bolsa-auxílio do citado órgão – O Folclore na Percepção Musical de 83 a 85 –, que resultou no livro *500 canções brasileiras*.

Com o Professor José Maria Neves desenvolvemos – sob a sua supervisão e orientação – a pesquisa sobre *As Pastorinhas de Realengo*.¹⁰ Para a nossa vida acadêmica esse momento revelou-se um divisor de águas, ali nasceu verdadeiramente a pesquisadora. O amor pelo trabalho fez que pensássemos em apresentá-lo ao Concurso de Monografias Silvio Romero da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE). Um fato bastante pitoresco aconteceu a partir desse momento. Voltando um pouco no tempo, no início dos anos 72, todos os professores da UNIRIO tiveram compulsoriamente que fazer um Curso de Especialização Didática (de maio a outubro de 1972) – que foi ministrado em dois diferentes turnos. Nossa permanência na instituição dependia de fazer esse curso. Foi uma experiência muito positiva, pois fez com que nos conhecêssemos. Foi uma grita geral em todos os *campi*! Mas promoveu um conhecimento bastante bom, principalmente entre os docentes da Música e do Teatro. Mas, novamente voltando às questões da pesquisa no IVL, José Maria foi fundamental. Em certo momento ele perguntou se teríamos algo contra pedir a Chico Fernandes, professor do Teatro, para desenhar as aquarelas referentes ao auto, pois, como o grupo pesquisado era de baixo poder aquisitivo, não tínhamos uma documentação iconográfica. Anotei as informações de nossa informante nas Pastorinhas e as repassava para o Chico. Esse, por sua vez, sempre me perguntava:

⁹ Cabe ressaltar que as atividades de pesquisa começaram a se desenvolver a partir do surgimento dos Programas de Pós-Graduação em Música – o primeiro programa de Pós-Graduação em Música, na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ocorreu em 1980, e o da Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul em 1986 – e, ainda, com a criação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM) em 1988 e da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) em 1991.

¹⁰ Essa pesquisa havia sido desenvolvida anteriormente em um curso de aperfeiçoamento *Lato Sensu*, na Escola de Música da UFRJ, sob a orientação da Prof^a Dulce Lamas. Entretanto, a mesma havia se limitado a levantar os textos e as melodias. A partir do trabalho com José Maria, foram levantados os componentes sociais, econômicos e culturais do grupo, bem como buscamos melhor documentar o Auto Pastoral, tecendo, ainda, considerações sobre a localidade, figurinos etc.

- Esse Pastoril está muito comportado! Não podemos estilizar, coisa assim do teatro rebolado? Carlos Machado?

- Não, Chico.

E explicava as características desse ciclo natalino, mas sempre lá vinha ele com as mesmas tentações. Combinamos com José Maria e ele que nos entregaria tudo na antevéspera (eram 26 figurinos), pois precisaríamos xerocar, encadernar para fazermos a nossa inscrição. Chegou o dia e encontro os dois na entrada do prédio do Teatro. Chico e José Maria com aquele sorriso Monalisa e todos curiosos para ver as aquarelas, pois, segundo ele, só liberaria tudo junto. Quando abrimos o pacote deparamos com a Libertina – ele a fez uma vedete do teatro de Carlos Machado, exatamente como queria fazer. Passamos para a seguinte: uma Baiana nos mesmos moldes. (Ver Anexo III) A partir daí ficamos sem ação. Quase sem voz mencionamos para os dois:

- Acabaram-se as nossas chances, não podemos apresentar essas aquarelas! – E eles danaram-se a rir, pedindo-me que continuasse a ver. Era só para dar um susto! (Ver Anexo IV). Ganhamos uma menção honrosa.

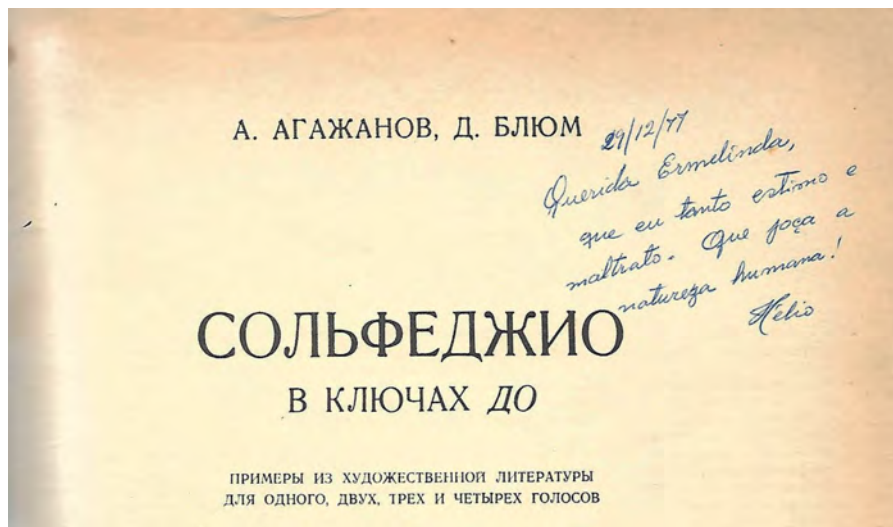
Mas o IVL não foi feito só por Hélios, Ermelindas, Armidas, Reginas, Silvios, Salomeas e tantos outros que, de tanto que fizeram, poderia me dirigir a eles todos no plural. O IVL contou naqueles tempos iniciais com uma pessoa muito especial, que era o nosso mentor intelectual, de ideias, de compromissos e de amor à música. Feliz de quem pôde trabalhar e aprender junto com Hélio Sena. Um dia ele nos telefonou – isso acontecia muitas vezes e sempre chamadas longas – para nos falar sobre uma pesquisa. No primeiro momento ficamos lisonjeados. Pensamos: puxa, Hélio Sena querendo falar sobre uma pesquisa conosco! Falou sobre o estado da arte da mesma, seus objetivos principais e secundários, sua relevância, delimitação, metodologia. Só quem o conhece pode imaginar a precisão e detalhes de sua fala. Passado, creio, que mais de uma hora em que ele esmiuçava tudo com riqueza de detalhes, falamos:

- Hélio, mas que pesquisa maravilhosa! Quando você vai começar? Vai pedir algum auxílio? – E ele nos respondeu:

- Não, Erme. Essa pesquisa é para você desenvolver!

Esse é o Hélio Sena. Com uma voz baixa, muita calma, colocava o “jeito Hélio Sena de ser” em tudo. E nós éramos uma equipe muito prestativa e obediente. Soube – não sei se é verdade – que certa ocasião contatou o Silvio Mehry para dizer a ele como deveria dar aulas de piano!

Até hoje não sei o que houve entre nós que tivesse nos magoado tanto e, por mais que agucemos nossa memória, não conseguimos lembrar e nem ele. Certa ocasião, chegamos às lágrimas (devíamos estar muito sensíveis, pois ele nunca foi de agredir ninguém). Depois, chegamos à conclusão de que deveríamos ter ficado assim outras vezes e, sabem por quê? No dia seguinte ele se aproxima de nós, nos dá um abraço e entrega como presente um livro russo de solfejo nas claves.



Finalizando: nos meus 50 anos de IVL 1967/1997, evoco a lembrança do mestre Ataulfo Alves: eu era feliz, mas eu sabia.

Anexo I



Anexo II

Paris, 11 de dezembro de 70

Cara Emelinda

Em primeiro lugar, meus parabéns à você e a toda a turma do seu 4º ano pela formatura. Você, os pioneiros da FETEC e também do IVL estão prontos para entrar na guerra. Runos muito em você nesses dias, no que você tiveram de bom e de ruim, como turma que inaugurou, por assim dizer, o Instituto. A pequena dose de improvisação que tiveram que suportar, a brusca mudança de concepções pedagógicas, mil histórias (lembro-me bem de uma discussão havida com a Elaine, há ano e meio sobre o que ela achava ser o máximo da desorganização, tomando uma posição um pouco infantil de criticar sem procurar entender os objetivos da mudança), e pensando tudo isso fica contente por você. Não disse que você está melhor preparada do que se tivessem feito o curso em outra escola, nada disso. Mas tenho certeza de que você está com os olhos abertos. E isso é o mais importante. Agora, é começar a contribuir para que a Educação Musical no Brasil seja um pouco melhor. Você vão para a guerra e talvez não tenham muitas armas. E daí? Espero que o Instituto tenha lhes dado esta disposição para a grande luta que vai começar e, se não deu as armas, mostrou onde encontrá-las, como improvisá-las, etc. E outra coisa, o Instituto deve ter colocado todos vocês com uma nova visão da Música. Visão de quem gosta muito. De modo menos romântico. Cara a cara com essa linguagem nada misteriosa que exige uma total integração para ser compreendida. Atividade que jamais deverá ser privilégio dos extremamente bem dotados, mas elemento expressivo, educativo, socializador. Para ser usado, portanto. E usado não como sedativo sentimental, mas para construir o Homem e a sociedade. Para servir e não para ser servido, como disse o Reginaldo. Agora é botar a mão na massa. É muito bacana

fazer filosofia. Às vezes ela é até necessária. Mas agora, mais do que nunca, precisamos de gente que aja, que funcione. Não vamos ser como os velhos senhores de congressos que traçam teorias e nem de longe pensam em fazer. Não se lembram da grande verdade dita pelo Mário de Andrade: as teorias aparecem quando não há mais vida. A ação é sempre contra a teoria, não se casam. Enfim, com essas reflexões escarissadas da caneta, vai a minha esperança em vocês. Engrossem as fileiras dos que querem trabalhar para alguma coisa: Educar através da Música. Desejo que vocês vençam.

Continuo dando um duro danado para dar conta de tudo que me propus fazer aqui para, ali por julho, estar de volta ao Brasil, ao Rio e, quem sabe?, ao Instituto. Enquanto isso, vou ruminando ensinamentos e idéias, o que me aumenta a vontade de ir estar para trabalhar. Algumas são quase obs-
ções, como a necessidade de uma Associação Brasileira de Edu-
cação Musical. Gostarei de, com vocês, poder me dedicar a isto.

E espero que sejam bons ventos para o lado da sua Bol-
sa. Se não for para já, para o próximo ano você não imagina o
quanto isso será bom para você, como abertura de horizontes e
recuo para reflexão. Não deixe passar a ocasião.

Obrigado também pelo Parque. É quando me esqueço
de que estou em Paris, que sinto mais o apelo da terra.

Se der para você conseguir com o Ilmar alguma coisa
sobre o Chão Carisco (mesmo emprestado) fico-lhe grato. É a
única coisa que ainda não tenho, como material para a minha
tesezinha, que está me dando alguns cabelos brancos.

Lembranças a todos, aos colegas, os professores conhe-
cidos (veja que há muitos que não conheci), Reginaldo, todos muitos.
E meus melhores votos de Feliz Natal (também para a sua
família). Um grande abraço do

José Maria

Anexo III